

3. O Político

Companheiro de vida

Um dos motivos de satisfação e orgulho da minha vida é ser companheiro muito chegado há muitos anos desta figura impar da nossa Política.

Não vou falar tanto porque não é o tema para que hoje me dirigiram o honroso convite para aqui falar dos aspectos humanos que dariam para uma extensa conferência tal a sua riqueza das suas qualidades e profunda amizade que nos une. Cinjo-me por isso, e só por isso, à faceta política da sua personalidade, tão rica e exemplar. E penso adequado dar nesta ocasião festiva o testemunho da minha vivência cívica a seu lado tentando sintetizar alguns dos aspectos que nele a minha memória tão gratamente guarda.

UM GRANDE MESTRE E COMPANHEIRO POLÍTICO

Lidar com Gonçalo Ribeiro Telles por longos anos sobretudo na actividade política é uma experiência enriquecedora, difícil de descrever por completo. Vou tentar arrumá-la o mais apropriadamente que me é possível, mas por força da densidade do que comunico, sou forçado muito a contra gosto a eximir-me ao episódio, e sou impedido de adoptar uma forma mais discursiva e



POR
**Augusto
Ferreira
do Amaral**

Advogado.
Antigo Ministro da
Qualidade de Vida

agradável que intercalasse o fait-divers com a secura da exposição sistemática.

Percorrendo da memória que guardo da fase política da minha vida, encontro inicialmente dois grandes mestres que me abriram os olhos. Um, o saudoso Francisco de Sousa Tavares, cujo fulgor quase genial me influenciou decisivamente nas opções que desde os 16 anos adoptei e não mais abandonei no que se refere à organização e ao funcionamento fundamentais da política. O outro foi Gonçalo Ribeiro Telles, que com o desenvolvimento da minha curiosidade pela coisa pública me revelou a riqueza da sua visão dos problemas concretos, das políticas em sectores decisivos da boa governação.

Aderi com admiração à sua insubmissão perante a força do regime que nos oprimia e com ele e com muitos

outros queridos companheiros vivi os anseios pela liberdade e pela devolução ao povo, da capacidade de decidir os destinos de Portugal. E ao mesmo tempo admirei a sua serenidade e coerência quando se recusava enfileirar com os adeptos dos radicalismos utópicos que traziam em si o germen da destruição do País e se revelavam susceptíveis de substituírem uma servidão por outra pior.

Depois do 25 de Abril passei a lidar mais estreitamente com Gonçalo Ribeiro Telles, colaborando na opção partidária que escolhêramos, seguro de que na nossa carreira política pessoal apresentava menos virtualidades para o êxito pessoal. Mas Gonçalo Ribeiro Telles - e eu e vários companheiros com ele - não tinha por objectivo essa carreira. Pugnava e empenhava a sua vida para tentar fazer passar a mensagem doutrinária do que entendia serem os caminhos mais convenientes para o País.

Desses trabalhos que tantos sacrifícios pessoais lhe exigiam registei a fibra e o valor do mestre e companheiro. Nunca lhe faltava o entusiasmo nem desfalecia perante a exiguidade dos resultados e as perspectivas sombrias que se perfilavam no nosso caminho.

O que o movia, como ainda hoje o move, era sempre a devoção generosa aos interesses de Portugal e dos portugueses. Quando eu, vinte anos mais novo que ele, fraquejava por vezes no ânimo, ali estava Gonçalo Ribeiro Telles firme e calmo na sua determinação de não baixar os braços.

Compreensivo, persuasor, amigo dos seus companheiros políticos mais próximos. E tudo sempre numa visão livre de ódios ou de ataques às pessoas. Ele sempre escolheu para alvos de estimação das suas diatribes, preferentemente, ideias, sectores, empresas e lobbies. É certo que sempre teve pouca paciência pessoal para as mentalidades disparatadas, excêntricas e hipócritas ou dissimuladas. Mas todo o desagrado

se manifestava e manifesta, nesse caso, de uma forma superficial e passageira. Não é um homem de rancor. Nunca em privado o vi criticar com o sangue carregado uma atitude que politicamente desprezasse, mas sim sempre com um olhar desportivo e com algum sorriso, entre compreensivo e resignado.

Sempre o interpretei como um homem de preferência política mais frequentemente de esquerda do que de direita, sobretudo nas grandes opções. Somente o seu esquerdismo não é folclórico nem jacobino e centra-se na política. Dentro do partido e fora dele, a tendência que mais o atrai na área estritamente política e social aponta para a esquerda. Habituei-me a ouvir dele, muitas vezes em comentário “fulano é muito reça”, “esta proposta cheira muito a reça”. Mas este impulso esquerdizante muito subsidiário da doutrina e da atitude do célebre Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, cuja memória muito admira, nunca lhe fez perder um forte pendor para o conservadorismo no que toca aos valores culturais e às realidades tradicionais de Portugal.

No respeito imenso pelo passado, menos o passado heróico do que o quotidiano, nunca o vi perder o equilíbrio, nem o natural controlo do seu comportamento, de perfeito cavalheiro que é, regrado, familiar, desprendido, e sóbrio na conduta de homem.

Verdadeiramente em síntese direi que, para mim, e passo aparente paradoxo, Gonçalo Ribeiro Telles para ser como é, um apaixonado pela preservação do património português, é culturalmente um conservador e politicamente uma personalidade da esquerda moderada.

O SEU IDEÁRIO

Tentemos, então, um enunciado dos

principais temas que na minha óptica melhor definem o seu pensamento e mais caracteristicamente o distinguem na sua conduta cívica.

1. A acção e a atitude política

A política é um dever de cidadania e, por isso, de patriotismo. Não é uma diversão. Não é uma carreira. Faz parte da condição humana no seu mais íntimo. É ética. É avassaladora dos interesses mais egoístas. É uma exigência permanente.

2. Os fundamentos da política

O critério último é a pessoa humana. Como tal, o mais básico dos valores é a liberdade política e social, liberdade dos constrangimentos políticos e dos grupos de interesses.

A democracia formal é a expressão indispensável da vontade popular livre pelo sufrágio directo e universal.

Não se dispensa um parlamento, no qual terá base o governo e eleito por essa forma, ou seja, por sufrágio directo e universal.

A monarquia – não a mono-arquia como ele sempre acentuou – democraticamente aceite, faz falta como ligação à História, e como personalização da nação independente.

3. A insuficiência do programa da política abstracta - muito característica no seu ideário e até mesmo na sua atitude

Falta de interesse do jogo partidário – nunca prestou verdadeiramente atenção a esse jogo partidário. Os temas atravessam horizontalmente os grandes partidos. A política aplicada e factual é irresistível. A dimensão social e biofísica são o âmago da política.

4. A valorização do território, com as suas comunidades - um dos temas centrais do pensamento de Gonçalo

Ribeiro Telles

A atitude para com o território e das comunidades que nele assentam é um “fil rouge” da actuação política. Toda a intervenção deve apontar para uma gestão do território justa, equilibrada, obstando macrocefalias, dando curso livre à biodiversidade, sustentável, culturalmente fundada e com gosto.

5. A orgânica administrativa

Desconfiança em relação ao Estado – nele é o pensamento constante que atravessa no rés-do-chão o pensamento dele. Desconfiança sobre o desenraizamento – todo e qualquer desenraizamento. Desconfiança em relação aos grandes grupos económicos.

Preferência pelo associativismo. Antipatia pelo de cima para baixo. Respeito pelas tradições e património cultural.

6. A urgência do novo modelo de desenvolvimento - talvez um dos aspectos da rica personalidade política de Gonçalo Ribeiro Telles, a que menos tem sido dado destaque, mas que considero relevantes

Urgência de um novo modelo de desenvolvimento assente na valorização do mundo rural e local. Assente na humanização do mundo urbano. Pautado pela escala humana e pelas realidades geográficas. Desconfiado do economismo. Condicionado pelas relações socio-económico-culturais numa forma de pirâmide ou em cascata. Apontado à economia de recursos mais do que ao lucro. Não hipotecado ao crescimento pelo crescimento. Menos polarizado na conjuntura do que na estrutura.

7. Uma nova dialética

Para isso, também atravessa o seu pensamento, uma estrutura de lógica que é uma nova dialética, mais real e actual, a qual supera as dialéticas convencionais do capital trabalho – que ele sempre teve muito pouca simpatia e muito pouca atenção por estas dialéticas convencionais: o capital trabalho e proprietário proletário. As preferidas dele, as formas últimas de dialéticas, como ele encara a realidade social, são “Small is beautiful” contra o gigantismo.

A sustentabilidade contra a delapidação. As gerações futuras contra



Para ser como é, um apaixonado pela preservação do património português, é culturalmente um conservador e politicamente uma personalidade da esquerda moderada



a ganância imediata. A produção real contra a especulação. A distribuição e dispersão contra a concentração dos interesses e do poder.

8. Uma visão do ambiente total

Esta é também uma característica do pensamento dele como homem pioneiro da defesa do ambiente em Portugal e da tendência ecologista. Mas tem uma visão do ambiente que deve ser estudada e vista como uma visão muito sui generis, que eu chamo uma visão do ambiente total.

Para ele o ambiente não é um compartimento, o ambiente é total em relação à realidade, é uma problemática que atravessa ou que se estende a toda a realidade. Portanto, essa visão é não tanto dirigida contra a poluição, nem satisfazendo com a criação de reservas ilhas, que são pequenos episódios dessa visão do ambiente total, mas sim in-

tervindo horizontalmente em todas as políticas sectoriais e assente no ordenamento do território bem delineado e blindado contra os expedientes para o contornar. Este é que é verdadeiramente a causa do ambiente na visão de Gonçalo Ribeiro Telles.

A SUA PRÁTICA POLÍTICA

Esta cartilha traça a passos largos toda a longa e persistente, quase obstinada intervenção cívica de Gonçalo Ribeiro Telles antes e depois do 25 de Abril.

Não obstante, pode-se dizer que se desenvolveu e apurou beneficiando da sua própria experiência de participação na política activa. Gonçalo Ribeiro Telles nunca gastou um minuto das suas preocupações com o marketing político. Sempre descurou a manobra. A sua política não é deste mundo, da caça ao voto, nem do cinzento abrangente. A sua linha na abordagem do eleitorado

prefere a intenção à extensão.

Os partidos que fundou, nomeadamente o PPM, sob a sua liderança, não se preocuparam tanto com a partilha do poder como com a apologia intensa duma doutrina cheia de originalidades que durante muito tempo passou ao lado das maiores atenções do eleitor e de muitas elites partidárias.

Uma doutrina que, exactamente porque é estreita e exigente e desagradada directamente a muitos, não dá votos. A actividade partidária para ele sempre foi, por isso, mais magistério e apologética do que operação para entrada no poder.

O seu êxito político, tal como ele próprio o vê, é muito mais a impressão da sua marca, a influência das suas ideias no devir do País – até porque não tenho dúvidas de que são essas que melhor lhe servem – do que a ocupação de cargos cimeiros, teoricamente dotados de poder sobre os governados.

BALANÇO NA ACTUALIDADE

Creio que se ensaiar um balanço da actualidade, a grande valia de Gonçalo Ribeiro Telles se acha largamente comprovada, pelas boas razões e pelas más razões.

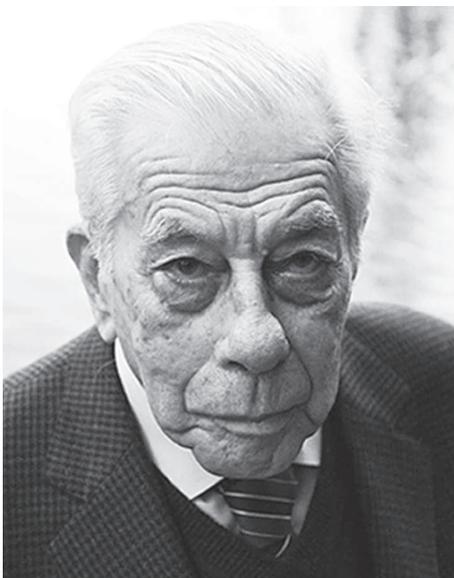
Pelas boas, porque se lhe deve quer directa quer indirectamente pelo seu magistério político e académico, o impulso de grande parte das medidas que passaram a ser tomadas para equilíbrio do território, para defesa e preservação dos solos agrícolas e do fundo de fertilidade, para valorização da paisagem rural e urbana. Em especial, porque contribuiu de forma decisiva para que a consciência ecológica impregnasse os portugueses, por forma tal que os políticos, por interesse na popularidade, têm constantemente de incluir ou de fingir que incluem a causa ambiental e do território entre as suas principais preocupações.

Pelas más razões, porque a situação crítica em que nós Portugueses nos achamos hoje, pesando brutalmente sobre as gerações futuras, se formos analisar com profundidade as suas causas, se deve certamente em grande parte ao facto de Gonçalo Ribeiro Telles ter pregado no deserto em muitos aspectos. Agora é que se vê, infelizmente tarde de mais, que este homem não é um lírico, nem um diletante adverso aos problemas mais agudos que se colocam ao País e que, no seu aparente desfazamento em relação ao debate político comum, estava muito mais dentro desses problemas do que a atenção dos homens do poder que ignoraram o caminho alternativo que ele ia apontando.

E se atentarmos

- em que uma boa dose do atoleiro económico e financeiro em que caímos se deve à desvalorização dos sectores produtivos, primário e secundário, operada pelo descaminho dado ao dinheiro aparente e fácil, que vinha de cima e não era criado por baixo, a partir da raiz;

- em que a especulação imobiliária e o desordenamento da expansão urbana absorveram durante décadas o melhor dos recursos financeiros postos a circular pelos bancos, incentivados até pelo poder central, em que a febre de construção de prédios em quaisquer solos e locais não poupou sequer as limitações impostas pelas condições naturais do local, provocando catástrofes e prejuí-



A actividade partidária para ele sempre foi mais magistério e apologética do que operação para entrada no poder. O seu êxito político, tal como ele próprio o vê, é muito mais a impressão da sua marca, a influência das suas ideias no devir do País

zos de enorme monta;

- em que o esforço impulsionado pelo Estado passou a incidir na sua maior parte na realização de grandes obras públicas, absorvendo meios financeiros desproporcionados ao País, e às suas condições geográficas sem irem ao encontro das necessidades reais e equilibradas das comunidades;

- em que se privilegiou a construção e entrada em funcionamento colossais de superfícies de venda, deformando as preferências do consumo, liquidando

todos os equilíbrios de produção e de distribuição locais e transferindo vozes maciças de poder, da decisão e do rendimento dos produtores para um sector terciário oligopolizado;

- em que parte dos sectores exportadores tem sido especialmente apoiados por conveniências imediatas da balança externa, ainda que à custa do empobrecimento do fundo de fertilidade dos solos, da expansão da monocultura e da conquista de solos agrícolas de montado e de matas naturais de pela floresta industrial;

- em que empreendedores, massa cinzenta e trabalhadores foram desviando crescentemente para actividades que não geravam produção, abandonando a agricultura e as indústrias regionais e locais, tantas vezes as únicas capazes de evitar a desertificação e o fizeram na mira de um Eldorado importado ou de sinecuras fornecidas pelo Estado e ficando na órbita de gigantes-cas empresas ligadas ao sector público ou multinacionais;

- em que se desprezaram as acções de fundo estruturais sustentáveis em nome dos ganhos conjunturais e capazes de melhorar a imagem eleitoral das forças partidárias em concorrência com o poder;

- em que se regrediu na capacidade do sistema de justiça para defender os cidadãos e as pequenas comunidades contra abusos e desvios de dirigentes políticos e autarcas;

- em que as próprias leis de ordenamento do território e das reservas agrícola e ecológica foram sendo adulterados por mecanismos hábeis em contorná-las;

Quando pensamos em tudo isso, salta à vista como essa realidade se opõe frontalmente à voz de longa data e permanentemente inconformista de Gonçalo Ribeiro Telles.

E não resistimos a pensar melancolicamente que outro País não seria de certo o nosso se este cidadão exemplar que tão repetida e corajosamente tentou que pusessem em prática as virtualidades da sua doutrina, este profeta político que à “politiqueirice” partidária interessaria pouca atenção tem prestado, tivesse sido ouvido a sério e se as suas ideias que com tanto afã tem semeado tivessem caído em bom terreno...

Tenho dito.■